

“Mas você é...” eu sussurro.

“Um padre,” ele diz com naturalidade, a vermelhidão desaparecendo de seus olhos. “O monastério foi iniciado por Abe e alguns outros Vampiros para cuidar de criaturas como nós. Ele imaginou que não era nossa culpa termos sido transformados.

Todos os Vampiros sabem as consequências, mas nem todos os Vampiros são bons. Alguns

só querem o caos. Eu fui transformado por um chamado Kaleid, que liderou seu bando de

sanguessugas pelo meio da Espanha para criar um exército de assassinos. Eu suponho que ele conseguiu. Ele simplesmente escolheu uma bruxa quando fez isso.”

Meus olhos estavam arregalados o tempo todo em que o ouvia, completamente engajados. Temos nossos próprios problemas no mundo subaquático, e há Syrens que são cruéis e perigosas para os outros, mas tudo isso parece totalmente fantástico.

“Então aprender sobre Deus te manteve na linha, te manteve humano?” Eu pergunto.

Ele concorda. “Sim. No começo, foi difícil entender. Tudo o que eu sabia era ódio e raiva. Mas suponho que o Bom Livro tenha alguma utilidade. Ele me atingiu. Comecei a acreditar nele. Combinado com a disciplina que fazia parte de nossas vidas, lentamente nos recuperamos. Eventualmente — e estamos falando de séculos aqui — percebi que era tudo inventado, apenas histórias para manter

as pessoas na linha. Mas a rotina rígida, os votos, a estrutura? Isso me manteve no controle. Isso me trouxe ao aqui e agora, como sou capaz de falar com você sem querer arrancar sua cabeça.”

Engulo em seco, desconfortável. “Então você parou de acreditar em Deus...”

“Não”, ele diz, mordendo o lábio por um momento. “Não, eu acredito em algo.

Talvez seja Deus. Talvez seja outra coisa, outra pessoa. Mas todas essas regras, essa culpa? Isso é tudo feito pelo homem.”

“Mas você está vendendo isso”, eu aponto. “Você está espalhando essas regras e a culpa para as pessoas aqui, e você nem acredita nisso. Você está espalhando mentiras.”

Ele levanta o ombro em um encolher de ombros. “Com o tempo, eles chegarão às suas próprias conclusões. Talvez no leito de morte.”

Penso nisso por um momento. Temos nossas próprias crenças em Limonos, mas nenhuma tão complicada quanto esta. Então, novamente, minha cabeça parece nebulosa de todo o vinho que consumi.

“Mais cedo, você disse que é sexta-feira. Por quanto tempo fiquei fora?”, pergunto a ele.

“Vinte e quatro horas”, ele diz.

Meus olhos se arregalam. “Você me deixou amarrado aqui por um dia inteiro?”